

***YIDISHE PARSHOINEN UN BRAZILIANISHE PENIMER: PERFIS JUDAICOS
E BRASILEIROS NA LITERATURA IÍDICHE PRODUZIDA NO BRASIL***

***YIDISHE PARSHOINEN UN BRAZILIANISHE PENIMER: JEWISH AND
BRAZILIAN PROFILES IN YIDDISH LITERATURE PRODUCED IN BRAZIL***

Nancy Rozenchan*

Resumo

Judeus que emigraram da Europa para o Brasil na primeira metade do século XX foram geralmente falantes do iídiche. Alguns nomes se destacaram como escritores da língua. Além de escreverem contos que faziam referência ao universo que tinha sido deixado para trás, vários dos textos publicados em iídiche no Brasil estavam vinculados a experiências locais. Em contraste com as limitações que Bashevis Singer expressou sobre o uso do iídiche nos Estados Unidos, as obras iídiches de autores no Brasil não expõem dificuldades na forma de expressão. Alguns dos textos publicados na década de 1950 em *Der poilisher yid* são aqui estudados, com destaque para perfis dos universos judaico e brasileiro.

Palavras-chave: Literatura iídiche. Literatura judaica. Literatura iídiche no Brasil. Escritores iídiches no Brasil.

Abstract

Jews who emigrated from Europe to Brazil in the first half of the 20th century were generally speakers of Yiddish. Some names stand out as Yiddish-language writers. In addition to writing stories that referred to the world that was left behind, several of the texts published in Yiddish in Brazil were connected to local experiences. Contrary to the limitations that Bashevis Singer expressed about the use of Yiddish in America, the Yiddish works of authors in Brazil do not present noticeable speech or other difficulties. This paper aims to address some of the Yiddish texts published in *Der poilisher yid* regarding Jewish and Brazilian profiles.

* Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo.

Keywords: Yiddish literature. Jewish literature. Yiddish literature in Brazil. Yiddish writers in Brazil.

Tratando da situação da literatura ídiche na Polônia, Bashevis Singer publicou em agosto de 1943, no número da revista ídiche norte-americana *Di tsukunft*, em memória ao judaísmo daquele país, o manifesto *Arum der yidisher literatur in Poyln* (1943 apud ROSKIES, 1995, p. 279), uma crítica devastadora e desapaixonada daquele que fora o seu próprio campo de atuação. Foi um ataque que expôs as limitações formais da *intelligentsia* judaica na Polônia entre guerras e também as limitações inerentes à língua e cultura ídiches. Bashevis fazia pouco das pretensões mundanas dos escritores de língua ídiche, uma vez que a soma total de sua cultura europeia era constituída de formas e ideologias tomadas de empréstimo àquela cultura. O crítico norte-americano David G. Roskies, que aborda amplamente o assunto, aponta para o provincianismo, para a estreiteza dos horizontes intelectuais dos autores e também para as dificuldades que a própria língua tinha de enfrentar no mundo moderno. Ecoando as palavras do ilustre autor, Roskies menciona o caminho indicado aos escritores: o de buscar seus próprios tesouros culturais negligenciados, isto é, o *shtetl*, o pequeno povoado judaico do leste europeu.

O veredito de Bashevis Singer em relação à ficção ídiche nos Estados Unidos foi mais pessimista ainda. *Problemen fun der yidisher proze in Amerike*, publicado em *Svive 2*, em março-abril também de 1943, sustenta que o ídiche enquanto língua secular moderna estava morto. De forma mais precisa, uma vez que o ídiche nos Estados Unidos havia se tornado uma língua em estado de obsolescência, falada por um setor marginal dos judeus norte-americanos, os autores ídiches não podiam transpor a totalidade da experiência judaica norte-americana para a língua que tinham trazido do lar ancestral. Os escritores se defrontavam com duas opções igualmente inaceitáveis: usar um ídiche vulgar, como era falado coloquialmente no novo país, ou inventar uma pseudolinguagem para cobrir a totalidade da vida e pensamento judaicos nos Estados Unidos. A proposta de Singer era que os escritores abdicassem do presente em favor do passado, que renunciassem, em seus escritos, ao mundo norte-americano e se transferissem na ficção para o velho mundo em que ao menos os personagens usassem o ídiche como parte integral de suas vidas. Na obra do próprio Singer isto se fez em duas vertentes: ficção em que abundaram elementos do fantástico e relatos sobre a vida judaica em solo polonês.

Considerando-se que provavelmente muito pouco ou nada se escreveu sobre o status da literatura ídiche no Brasil durante os anos em que ela foi criada ou o que se pensou em geral sobre a situação da língua e da literatura ídiches, trazemos as colocações de Bashevis Singer

apenas como uma manifestação acessória e com fins introdutórios que, entretanto, poderão estimular uma reflexão tardia sobre o assunto. E mais, o número de imigrantes falantes do iídiche no Brasil era consideravelmente menor. Em consequência, a produção literária iídiche no Brasil foi relativamente escassa, disseminada por várias cidades muito distantes umas das outras. Praticamente quatro mil quilômetros separam os pontos extremos onde se escreveu em iídiche no Brasil, de Porto Alegre, no Sul, a Recife, no Nordeste, e a prática não deve ter ultrapassado um período de cinquenta anos. Em épocas simultâneas ou não, vinculadas ao primeiro momento migratório maior, anterior à Segunda Guerra, ou ao segundo, posterior a ela, houve uma discreta produção literária iídiche no Brasil em Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Santos, Belo Horizonte, Rio de Janeiro (então capital do Brasil), Nilópolis e Recife. Hoje, essa produção, concentrada basicamente em seis coletâneas, é totalmente desconhecida no original. Graças à tradução de contos e à publicação de duas coletâneas realizadas no curso de língua iídiche da Universidade de São Paulo – *Imigrantes, Mascates & Doutores* e *O conto iídiche no Brasil* (CYTRYNOWICZ; MIGDAL, 2007) –, recuperou-se algo que foi bem recebido pelo público em onda nostálgica aparentemente passageira.

As poucas bibliotecas iídiches no país dissolvem-se, se é que já não desapareceram de todo. Antes que os papéis se transformem em refugo, vale fazer uma leitura que busque destacar alguns aspectos úteis para traçar, tais como foram vistos pelos imigrantes, perfis da comunidade judaica no Brasil conforme se apresentaram nos poucos contos a que tivemos acesso no original, publicados em três números do boletim da Associação dos Judeus Procedentes da Polônia, do Rio de Janeiro, de 1955 a 1958, *Der poilisher yid*. Outros contos nas mesmas publicações abordam imagens do *shtetl* e não estão incluídos aqui. A seleção de contos e aspectos a serem apreciados privilegia apenas algumas das possibilidades encontradas. Conforme o título desta comunicação, aponto para alguns tipos e faces de judeus e brasileiros no Brasil. Não se pode esquecer, obviamente, que todos os autores que escreveram e publicaram em iídiche no Brasil tinham nascido na Europa Oriental, e foi com o olhar de imigrantes que viram e vivenciaram a cena brasileira, sem que se dissipassem de suas mentes suas experiências anteriores. Simultaneamente, tiveram que olhar de forma diversa para si mesmos, uma vez que no novo solo também travaram contato com judeus de outras procedências, tanto do Leste Europeu quanto de outras partes, cujos hábitos e fazeres divergiam dos seus.

Os motivos para a emigração do Leste Europeu são largamente conhecidos: *pogroms* fugindo ao serviço militar e, como pano de fundo, do antissemitismo à precariedade da subsistência. A escolha do destino, todavia, foi abordada em ao menos um dos textos, e por si só indica um dos modelos do caráter, mas não o único de quem aportou no Brasil, mesmo que descrito em tom de blague.

O conto *Bêrele Bik* [Bêrele Touro], de autoria de P. Dorfman, de Belo Horizonte, foi publicado no número 8-9 de *Der poilisher yid* (1958, p. 346-349). Tratou de um garoto brutamontes em uma cidadezinha da Bessarábia. Dado o número reduzido de autores que escreveram em ídiche no Brasil, a sua origem não foi levada em conta no boletim dos judeus poloneses. E o *shtetl* da Bessarábia é lembrado com causos e relatos nostálgicos como muitos outros da Polônia desaparecidos durante a guerra. O conto trata de Bêrele Touro, moleque briguento e criador de casos, mas que não saiu do *shtetl* e será deixado de lado. Foi o seu pai que se dirigiu ao Brasil, e é isso que importa aqui. O conto menciona que os judeus emigravam para os Estados Unidos e para a Argentina, abrangendo também o Brasil. Que diferença havia entre ir a cada um dos três países? Sabidamente as cotas para os Estados Unidos foram limitadas em certo momento; à Argentina muitos foram atraídos devido aos projetos das colônias agrícolas da ICA. Ainda que também existentes no Rio Grande do Sul, as colônias brasileiras não foram um alvo preferencial de imigrantes judeus.

Após apresentar rapidamente Bêrele Bik, o narrador voltou-se à questão da imigração e a coloca em grande distância de tempo; um tempo indeterminado e, segundo ele, antes da bíblica outorga da lei no Monte Sinai.

Entre nós, nos pequenos povoados judaicos, costumava-se dizer que, para a América¹, “vai-se”², para Buenos Aires, “foge-se” e, para o Brasil, este lugar acreditava-se que ficava além das montanhas da escuridão, onde o Rio Sambatión arrojava-se levantando pedras cotidianamente. Para o Brasil nem se “ia”, nem se “fugia”.

Por que se dizia que se “ia” para a América? Porque somente eram atraídos para lá alfaiates, sapateiros e outros artesãos. Como é que um pobretãozinho, um alfaiate, um sapateiro, arrumava dinheiro para a viagem? Então “ele ia mesmo a pé”. Quanto ao “fugir” para Buenos Aires, isto também tinha um motivo. Quem ia para lá? Um negociante “decente”³ que tinha falido, que tinha de sumir, ou simplesmente alguém que tinha pronunciado a bênção “*boire meoire hoesh*”, e que estava em má situação... ou algum outro tipo de desgraçado.

¹ Referência aos Estados Unidos.

² A pé.

³ O mesmo vocábulo pode ser traduzido como “belo”; de todo modo, indica uma linguagem irônica.

O pai de Bêrele tinha “fugido” para o Brasil, e isto era uma novidade no povoado (p. 346)⁴.

“Fazer a América” foi uma expressão que simbolizou a salvação dos judeus da Europa Oriental; mesmo que ao dito folclórico de que o “ouro corria pelas ruas de Nova York” se contrapusesse a terrível realidade do trabalho insano nas *sweat shops*, a rota norte-americana foi a preferida. E quanto ao fugir para a Argentina e para o Brasil, a referência do conto é que para a América Latina vinham contraventores. Como se não bastasse a causa poder ser uma falência ou outra do mesmo naipe, ela é também descrita figurativamente como uma bênção, “Abençoado seja quem criou a luz do fogo”, que é pronunciada no final do *shabat* para distinguir o dia santo dos demais dias da semana. O uso figurado em iídiche dessa bênção não é indicador de qualquer ato sagrado, ao contrário, a bênção, em sentido metafórico, significa “atear fogo à casa”⁵, ou seja, um incêndio fraudulento para encobrir ações e situações inomináveis. A literatura iídiche do Leste Europeu relatava que nas cidadezinhas da região não deve ter sido incomum fazer um seguro e atear fogo para ser monetariamente beneficiado.

É óbvio que essa fama não condiz com a dura realidade da maioria dos imigrantes de escapar às difíceis condições na Europa, nem com as dificuldades de se adaptar ao novo solo e prover sustento para cada imigrante, criando condições de trazer os demais membros das famílias – fato que nem sempre se concretizava e fez com que tantos percessem na Guerra.

Foi no número 6 do mesmo boletim *Der poilisher yid* (1955, p. 18-20) que tivemos acesso a um conto de B. Gulka, do Rio de Janeiro. O conto, *Maine ershte derfarunguen in der naier heim* [Minhas primeiras experiências na nova terra], faz referência à viagem e chegada ao Rio de Janeiro, ocorrida 28 anos antes – portanto, em 1927. É na viagem de navio que o narrador trava um primeiro contato com judeus provenientes de partes diversas do Leste Europeu. Entre os viajantes havia também alguém do norte da África, que, em comum com os demais, tinha um parco vocabulário hebraico. Do sentimento fraterno que se desenvolve na longa viagem por mar, criador de uma categoria social anteriormente desconhecida, a de *shifsbrider* [irmãos de navio], o conto de Gulka, depois de narrar as primeiras sensações de imigrantes – desde a chegada ao porto do Rio até a visão dos corpos de brasileiros, os portuários seminus que carregavam na cabeça pesados fardos e sacos de mercadorias –, traz como pano de fundo a segunda impressão, a favela, o morro, a igreja. Praticamente sem

⁴ As traduções dos textos iídiches são de minha autoria. (N. A.)

⁵ *Boire meoire hoesh* – bênção da vela na *havdalá*, celebração final do *shabat*. Em sentido figurado, “incendiar uma casa”, cf. Harkavy (1928).

adjetivos, a enumeração dos portuários e de outros elementos serve apenas para marcar o novo ambiente e não vale sequer para estabelecer qualquer contraste com os personagens de imigrantes.

Mas é no contato com outros judeus imigrados anteriormente e já experimentados das manhas locais que o narrador vai expressar a surpresa do conhecimento de características insuspeitas entre seus conterrâneos. Assim como no conto primeiramente mencionado, também Gulka usa um tom satírico, bastante conhecido na literatura iídiche moderna pelos escritos de Sholem Aleichem e, antes dele, de Mêndele Môikher Sforim, para descrever o caráter de judeus provenientes das diversas partes do universo judaico do Leste Europeu. Depois de alguns dias combinei com um conterrâneo ir à região onde se concentrava a maior parte da população judaica, Praça Onze, para procurar um quarto onde morar. Ali me encontrei com uma porção de conterrâneos. Acolheram-me calorosamente e me ofereceram um cafezinho. Recomendaram-me um quarto e disseram: “Esperamos que você fique satisfeito, porque naquela casa vivem apenas bessarabianos ou russos”. E quando eu lhes perguntei: “O que significa bessarabianos ou russos?”, recebi uma resposta: “Espere, gringo! Você vai saber por que dizemos isto”. Como se com um martelo, assim as palavras atingiram a minha cabeça. Fiquei aparvalhado e pensei, o que está acontecendo aqui? Que diferença existe entre poloneses, bessarabianos, russos, galicianos ou lituanos. Não são todos judeus? De onde provém tanto ódio de um judeu ao outro? E quem é culpado disto?

A questão me interessou muito e comecei a recolher as opiniões quanto aos oriundos dos diversos países europeus e lamentavelmente ouvi da grande maioria estas expressões:

— Bessarabianos? Simplesmente não fale deles, são um grupo de ignorantões. Nenhum deles sequer sabe assinar o nome. É verdade, são boa gente, mas analfabetos.

— Galicianos são ruins como a morte. Se conseguissem nos arrancar a alma eles o fariam. De que serve a proficiência deles nas letrinhas⁶, se o caráter deles é corrupto.

— Um lituano é um maroto, um obstinado, sem igual. Ele se considera inteligente. Para que serve a inteligência dele, se trabalhar – ele diz – é melhor que algum outro o faça. Este artigo não faz parte dos seus interesses.

Poloneses? São gente iracunda, avarentos para a esposa e filhos, impuros. Eles gostam mesmo de dinheiro, se se lhes dá dinheiro, tudo é válido. (p. 19)

⁶Referência ao hebraico.

Se, por um lado, Gulka estava retratando uma avaliação concreta válida não somente para o passado distante a que ele remonta – final da década de 1920, e que perduraria por várias décadas, por outro lado, tratou de se colocar em uma posição protegida fazendo uso de dois artifícios: ao mesmo tempo em que atribui as definições a outrem, contrabalança traços positivos e negativos de cada um dos grupos, gerando com isso uma posição crítica cômica. Entretanto, isso não encobre o caráter belicoso entre os grupos, expresso em tom de surpresa no início da série de definições.

Esse tipo de apresentação de grupos étnicos judaicos não nasceu na literatura ídiche brasileira. De formas diversas, importantes autores na Europa já tinham se referido ao assunto de fundamentos étnicos, sociais, econômicos, culturais e religiosos muito mais amplos do que são perceptíveis neste único exemplo encontrado nos textos coletados da literatura ídiche do Brasil.⁷

Mais de um escritor fez referência, entre seus personagens, às prostitutas provenientes do Leste Europeu. Elas e seus exploradores foram eufemisticamente denominados de “impuros” [*tmeim*]. É de se imaginar que o público leitor soubesse a que isso se referia e, como o assunto era tabu na primeira geração da comunidade judaica recém-imigrada, não há maiores comentários a respeito, ainda que a temática fosse inevitável.

Na literatura ídiche do Leste Europeu, a par dos vários modelos e gêneros de literatura “elevada”, foi muito popular no final do século XIX e início do século XX o que se tornou conhecido como *shund-literatur*, ou literatura-lixo, voltada a leitores de baixo nível cultural e restritas expectativas culturais. Esses romances baratos tinham por objetivo a distração e o divertimento. Por vezes publicados em capítulos, eram anexados como suplementos a jornais. É sabido que alguns dos importantes autores ídiches incursionavam eventualmente no gênero, sob pseudônimo, para ganhar proventos. Não temos registro desse tipo de literatura escrita no Brasil, mas pode-se supor que os leitores tiveram acesso a ela de modo direto pelos próprios livros, trazidos ou importados, e por meio dos jornais ídiches provenientes do exterior, em particular o *Forvest*, jornal ídiche dos Estados Unidos de enorme alcance que abriu espaço a importantes escritores de boa literatura e não renunciou ao gosto popular pelo material da *shund-literatur*.

⁷ Recentemente Guenady Ostraikh fez um apanhado de obras de três escritores que se detiveram sobre o tema do *litvak*, o judeu lituano, etnia mais abordada na literatura. As obras citadas são de autoria de Heinrich Sliosberg, Nochum Meir Shaikevitch e Israel I. Singer (OSTRAIKH, 2008).

O único modelo mais próximo do gênero que encontramos entre os contistas no Brasil foi *Maierl*, de autoria do mesmo Dorfman, de Belo Horizonte, já citado anteriormente, e publicado em *Der poilisher yid*, nº 6 (1955, p. 255). *Maierl*, apresentado pelo narrador como conterrâneo que conheceu em algum lugar perdido no norte do Brasil, tinha sido ladrão na terra de origem. No Brasil, se tornou um bem-sucedido *klienteltshik*, um prestamista que vende de porta em porta. Sem o erotismo peculiar da *shund-literatur*, *Maierl* é descrito pelo narrador com apreço: “um rapaz alto, esbelto, de rosto moreno, parecia um brasileiro. Esperto, alegre, espirituoso, com um par de olhos negros, profundos”. Além dos traços físicos, há um tom de afeto na proximidade entre narrador e personagem, uma vez que *Maierl*, o ladrão, conhecia o pai do narrador e o tinha por gente honrada. O conceito de fraternidade entre os de mesma origem supera o distanciamento que poderia ter sido gerado pela apreciação moral negativa.

Mais uma vez o narrador usa o subterfúgio do distanciamento, nesse caso ao descrever o aspecto negativo de seu personagem: “as pessoas contavam verdadeiras lendas a respeito de *Maierl*. Constava que tinha sido, na velha terra, dirigente de toda uma quadrilha de ladrões; por intermédio dele pessoas tinham partido desta para a melhor, e assim por diante” (1955, p.255). O distanciamento pela voz narrativa se soma ao distanciamento geográfico indicado pela remota localidade no norte do Brasil, sem nome, onde personagem e narrador se encontraram, assim como será sem nome a localidade onde se dará o inesperado final do conto. Funciona aqui como uma tentativa de preservar os personagens e eventos de alguma possível identificação concreta e respectivo julgamento moral.

Maierl se transformou no Brasil. Falava pelos cotovelos, não era indolente e, para vender, caía na alma dos fregueses. Um de seus ditos a respeito era “Ou alguém vai me matar ou eu vou matá-lo”. Segundo o narrador, na carreira de ladrão, acumulara frases prontas e, ao menos por esta, verifica-se que no íntimo a identidade anterior de marginal deixara marcas profundas.

Após a apresentação do protagonista ocorre um anticlímax no conto, utilizado para ressaltar aspectos positivos do caráter do personagem, os quais, mais adiante, sofrerão nova reversão: “e, ainda assim, *Maierl*, por natureza, não era mau, era até bom”. Cedia mercadorias a novos imigrantes, emprestava dinheiro; jamais falava sobre a velha carreira e os motivos que o levaram a ser ladrão. Aqui ele era outro, “por natureza, aparentemente, ele era honesto”. Esse anticlímax será reforçado e em seguida desmontado pela tentativa de concretização do

sonho de Maierl: voltar com dinheiro ao antigo lar, comprar terras e dedicar-se ao seu cultivo. É o que Maierl faz, mas com resultados catastróficos: as autoridades o perseguirão pelo passado criminoso e ele voltará ao Brasil para começar novamente a partir do zero.

A reviravolta definitiva na trama é introduzida pela figura de uma mulher sem nome e cujo lugar de moradia é indicado apenas por uma letra e reticências. Eis a sua descrição:

Uma alma perdida e errante, uma mulher daquelas mulheres, que um escroque, um rufião, arrastou para o Brasil. Mulher enérgica, à força ela se livrou dele e tornou-se costureira. Olhavam-na com um olhar atravessado e com pena (1955, p. 256).

Como se pode perceber, tanto o ladrão como a prostituta são redimidos no Brasil, até que Maierl, que compra mercadorias daquela mulher, aos poucos desenvolve a ideia de se casar com ela. Entrementes, ela fica noiva de um pobretão chegado há pouco da Polônia, e Maierl só decide se casar quando já é o dia do casamento da costureira. E como ele chegará a ela? Algum modelo da *shund-literatur*, talvez um filme de faroeste ou, ainda, histórias de cangaceiros⁸, tão disseminadas na década de 1950 pelo cordel e principalmente pelo cinema, se for para usar um modelo brasileiro ainda vigente, servem à rápida e surpreendente cena final:

Maierl acordou cedo naquele dia, meteu dois revólveres nos bolsos, alugou um carro e foi para a localidade... Chegou ali ao anoitecer, mandou o motorista dirigir-se ao salão onde iria acontecer o casamento. A costureira já se encontrava sob o dossel nupcial. Maierl nada disse. Sacou os dois revólveres e repentinamente, empalidecendo, exclamou: Tire estes trapos e venha!! A costureira também nada disse e obedeceu. O noivo e padrinhos ficaram no salão. E assim Maierl casou-se com a costureira (p. 256).

Como no cangaço, a distância que vai, no imaginário, do mocinho ao bandido ou do bandido ao mocinho, é muito pequena. Assim, a história acaba com ambos redimidos e abençoados.

A literatura ídiche do Brasil voltou-se também a cenas brasileiras, por vezes dolorosas. Um conto de Moische Khanesman e outro de Clara Steinberg apresentam flagrantes e situações típicas do Rio de Janeiro, mas não necessariamente só dele. *Oif der avenide* [Na avenida], publicado em *Der poilisher yid* n° 7-8 (1956, p. 336), de Khanesman, tem como pano de

⁸ O cangaço, um tipo de banditismo social ocorrido na região Nordeste do Brasil entre 1870 e 1940, constituiu-se em um dos mais autênticos gêneros do cinema brasileiro e da literatura de cordel.

fundo o trânsito intenso da cidade, a multidão, a violência da metrópole e todo um universo concentrado em uma única via: a movimentada avenida. São menos descrições físicas e mais figuras que participam do lufa-lufa diário, gente apressada, gente nas lojas, que sai com os pacotes de compras, os cafezinhos apressados; vai-se, vem-se, sem que uma palavra saia da boca. O sinal luminoso, a mulher desamparada que não consegue atravessar a avenida, que levanta os dois braços com a bolsa e o guarda-chuva que cai; o sinal se abre, se fecha, carros voam e ninguém atenta para a pobre mulher. A cena se fecha nos vendedores de jornais que não poupam esforços para vender a sua mercadoria e ganhar uns poucos centavos quando o sinal luminoso se fecha. O embate se dá entre o motorista do ônibus e o jornaleiro que, ante o olhar furibundo daquele, tenta, dos degraus do ônibus, interessar algum possível comprador. A descrição dos personagens centra-se no olhar. Não há diálogos orais, sequer falas esparsas. O jornaleiro faz de conta que não percebe o olhar insatisfeito do motorista por subir sem autorização. Em contraste com o motorista, o jornaleiro, por sua vez, espia ansioso com seus olhares inquietos. A dura luta pelo sustento não impede que o jornaleiro, ao contrário do motorista, seja amistoso ao descer e lance a despedida: “Amigo!”, única expressão oral entre ambos. Ele pula para fora, mas é apanhado por um carro que o atira à frente do ônibus que, com seu motorista irritado, o atropela. O motorista, que não utiliza o mesmo código para sobrevivência, que rechaça a gratidão daquele que o chamou de “amigo”, ante os gritos desesperados dos passageiros, foge para escapar ao flagrante. Como é comum no Rio de Janeiro, boas criaturas cobrem o corpo do morto com jornais (ironicamente, os mesmos jornais que ele se empenhou em vender) e acendem uma vela. O jornaleiro vira notícia. Na falta de comunicação oral direta, o jornal mudo, servindo ao gesto de caridade de cobrir o cadáver, sobrepõe-se às notícias do dia e anuncia qual é a sequência ao alheamento das pessoas na cidade grande. A última “fala” do conto é representada pelo apitar desconcertado do policial que procura pôr ordem na desordem da insensibilidade de um e da catástrofe do outro.

A Clara Steinberg, do Rio de Janeiro, deve-se uma produção mais ampla de literatura iídiche composta no Brasil. Em seus contos, reunidos em *Oif brasilianishn bodn* [Em solo brasileiro], publicado em 1957, são frequentes as cenas brasileiras expostas sob a ótica de escritora bem dotada cujo ponto de vista é ampliado pelo ângulo sagaz de fotógrafa, profissão que ela exerceu. *Der gasn-kerer* foi publicado originalmente no número 7 de *Der poilisher yid*, de 1956. O conto, que na versão publicada em português, em 2007, é *O varredor de rua*,

traz Paulo, um gari, que se apaixonou por Maria, uma empregada doméstica. Paulo, rapaz pobre do interior, vestia um terno grande e surrado, cheio de remendos.

Ao apaixonar-se, seus olhos passivos, um tanto embotados, tornaram-se expressivos. Ora eles contam sobre um mundo interior repleto de esperanças juvenis, às vezes expressam decepção e, com frequência, profundo desespero (p. 240).

O ar limpo e fresco da manhã, ainda coberto de orvalho, forma o pano de fundo conveniente para a aproximação das pobres criaturas, cuja sobrevivência depende da vontade de patrões que detêm o poder sobre eles. Paulo varre as ruas, Maria também varre, meio adormecida, as folhas murchas dos canteiros. Mas Maria divide-se, também lhe cabe regar as flores em torno da casa. Ela, “mulata jovem e charmosa”, “seu jeito de falar, sua postura ingênua e sem artifícios”. Ele, depois de um dia de trabalho, “banhado e penteado”, procura Maria. “Maria ficava vermelha e, sem jeito, desviava o olhar”. “Ela, num vestido estampado com uma fita vermelha entrelaçada no cabelo. Ele, num terno cáqui, limpo e bem passado. Nos olhos – o cantar do sangue”. Como se pode perceber, são traços singelos de gente modesta descobrindo o amor.

Mas Clara Steinberg, em seus contos, apega-se com grande ímpeto aos dramas urbanos do Rio de Janeiro, e particularmente aos temas políticos. Maria, a indefesa empregada, sofreu abusos por parte de seu patrão, convenientemente definido como um militar arrogante e prepotente que, para escapar ao escândalo, se bandeou com a família e a empregada para o Rio. Estabelece, num aparente arroubo de generosidade, que os jovens namorados, Paulo e Maria, devam se casar na igreja às suas expensas. Promovendo e financiando o casamento, ele não só se livra da situação problemática e escandalosa que criara como, de certo modo, assegura para si algum arremedo de perdão, de ficar com a consciência limpa, pagando pela cerimônia na igreja.

A oferta, demasiadamente suspeita aos olhos de Paulo, leva o gari à busca da verdade. Ouvirá então de Maria a respeito da fome, de ser entregue para trabalhar, dos abusos. O sonho nupcial se esvai. Casar na igreja, para quê? Nem sonho, nem casamento, nem união, tudo varrido pela acusação feita pelo tenente ao juiz de menores, de que ele, Paulo, abusara da empregada, jovem menor de idade. O conto ressalta o choque do desnível social e econômico, propulsor de desencontros sociais em uma ambientação onde a regra, aparentemente, seria a

respeitabilidade, a ética e a dignidade, descaradamente destruídas de forma arbitrária e despótica; degradadas por fim.

Personagens impotentes, o varredor e a empregada são, ainda assim, fortes pelos laços de amor que conseguiram desenvolver.

Até quanto se sabe, escritores ídiches no Brasil não se sustentaram somente por sua escrita. Não há mais como recuperar qual foi a sua vinculação ampla com a literatura ídiche produzida em outros cantos, ou de que forma avaliar como entenderam o seu papel ao criar contos num novo lar onde a aproximação com a população local se fez de forma razoavelmente tranquila. Os judeus que se fixaram no Brasil, assim como imigrantes de outras partes, encontraram a princípio mais oportunidades de ascensão social do que aqueles que se estabeleceram nos Estados Unidos. Os contos ídiches são testemunho dessa adaptação menos atribulada. Parte dos contos sobre a velha terra teve função memorialista no sentido de, por meio da escrita, criar um monumento, uma memória daquele universo que desapareceu na Guerra. Quanto aos contos ligados à cena brasileira, como se pode observar nos poucos exemplos mencionados, ainda que não sejam suficientemente representativos da ampla gama de temas existentes, tanto se tratando da vida judaica quanto da brasileira, não se apresentam marcas maiores da incapacidade da língua ídiche de dar conta da narrativa a que se propuseram ou de uma contaminação com o português; palavras brasileiras, como as mencionadas “avenida” ou “amigo”, prestam-se apenas a conferir um tom local. Hoje, uma visita a textos mais do que cinquentenários satisfaz amplamente o leitor desejoso de rever retratos das gerações de seus antepassados e de ouvir os sons da *mame-loshn*, a língua-mãe.

A literatura ídiche produzida no Brasil não teve suficiente massa e tempo de existência para que aqui se desenvolvesse uma escrita como a de Bashevis Singer, ainda que obras como as de Clara Steinberg, Rosa Palatnik, Josif Landa e Meir Kucinski tenham deixado uma marca indelével na cultura judaica produzida em solo brasileiro. Ganhou a literatura brasileira, em português: enquanto a literatura ídiche era deixada para trás, dois autores nascidos respectivamente na Ucrânia e na Polônia, que imigraram ainda crianças e indubitavelmente ouviram o ídiche em suas canções de ninar, tornaram-se nomes maiores na literatura brasileira, Clarice Lispector e Samuel Rawet. E o que ficou para trás, ficou e acabou.

Referências

- CYTRYNOWICZ, H.; MIGDAL, G. (Orgs.). *O Conto ídiche no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2007.
- DORFMAN, P. Maierl. *Der poilisher yid*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 255-256, 1955.
- DORFMAN, P. Bêrele Bik. *Der poilisher yid*, Rio de Janeiro, n. 8-9, p. 346-349, 1958.
- GULKA, B. Maine ershte derfarunguen in der naier heim. *Der poilisher yid*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 18-20, 1955.
- HARKAVY, A. *Yiddish English Hebreisher Verterbuch*. Nova York: Yivo Institute for Jewish Research; Schocken Books, 1988. p. 115.
- KHANESMAN, M. Oif der avenide. *Der poilisher yid*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 336, 1956.
- KUCINSKI, M. *Imigrantes, Mascates e Doutores*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- OSTRAIKH, G. Di litvakes un andere yidn. *Forverts*, 25 jul. 2008. Disponível em: <<http://yiddish.forward.com/node/1516>>. Acesso em: 25 mar. 2009.
- ROSKIES, D. G. *A Bridge of Longing – The Lost Art of Yiddish Storytelling*, Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- STEINBERG, C. Der gasn-kerer. *Der poilisher yid*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 240-243, 1956.
- STEINBERG, C. *Oif brasilianishn bodn*. Dertseilunguen un bilder. Rio de Janeiro: Monte Scopus, 1956, p. 240-243.